

CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS, NA IGREJA E NA SOCIEDADE

“SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO” (Mt 5,13-14)

O laicato como um todo é um “verdadeiro sujeito eclesial” (DAP, n. 497a). Cada cristão leigo e leiga é chamado a ser sujeito eclesial para atuar na Igreja e no mundo. A Francisco de Assis o Cristo Crucificado ordenou: “Vai e reconstrói a minha Igreja”. Temos firme esperança de que continuarão dando grande contribuição à renovação da Igreja de Cristo e sua atuação no mundo.

É nossa intenção refletir sobre a dimensão pastoral, evangelizadora e missionária que cristãos leigos e leigas, por meio do testemunho, da santidade e da ação transformadora, exercem no mundo e na Igreja.

Queremos enfatizar a índole secular que caracteriza seu ser e agir, como propõe o Concílio Vaticano II:

“A sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial – esse é o papel específico dos pastores – mas sim [...] o vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos mass media e, ainda, outras realidades abertas à evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento” (Paulo VI, EN, n. 70).

Mas

queremos enfatizar que *“os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja”* (DAP, n. 211).

CAPÍTULO I

O CRISTÃO LEIGO, SUJEITO NA IGREJA E NO MUNDO: ESPERANÇAS E ANGÚSTIAS

A Palavra de Deus como ponto de Partida

“Vós sois o sal da terra e luz do mund” . “Se o sal perde seu sabor, com que se salgará?” (Mt 5,13-14),

“Eu sou a verdadeira videira... Vós sois os ramos” (Jo 15,1-8).

“quem permanece em mim e eu nele, dá muito fruto, porque sem mim não podeis fazer nada” (Jo 15,5)

Marco Histórico-eclesial

A renovação eclesiológica conciliar compreendeu o cristão leigo como membro efetivo da Igreja e não como um fiel de pertença menor ou inferior, a quem faltasse algo da comum dignidade cristã (LG, cap. 4). A Exortação Pós-sinodal *Christifideles Laici* retoma e afirma o significado positivo dos fiéis leigos como membros do Povo de Deus: sujeitos ativos na Igreja e no mundo, membros da Igreja e cidadãos da sociedade humana (CfL, n. 59).

- **Medellin** afirma que “os leigos cumprirão mais cabalmente sua missão de fazer com que a Igreja aconteça’ no mundo, na tarefa humana e na história” (DM, n. 10,2.6).
- **Puebla** nos diz que os leigos e leigas homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja (DP, n. 786)

- **Santo Domingo** afirma que os leigos e leigas “protagonistas da transformação da sociedade” (DSD, n. 98).
- **Aparecida** pede “maior abertura de mentalidade para entender e acolher o ‘ser’ e o ‘fazer’ do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo” (DAP, n. 213).
- A **CNBB**, em 1999, lançou o documento *Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas* (CNBB, Doc. 62)
- O **Papa Francisco** lança um vigoroso chamado para que todo o Povo de Deus saia para evangelizar: **Evangelii Gaudium** (n. 20-24).
- O **Ano Santo da Misericórdia** convida a abrir as portas do coração à prática das obras da misericórdia corporais e espirituais, à renovação da opção preferencial pelos pobres, às missões populares, ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, ao sacramento da Penitência e Reconciliação, ao perdão aos que pertencem a um grupo criminoso e aos que são cúmplices da corrupção para que se convertam. Tais desafios nos tocam, especialmente os cristãos leigos e leigas.

Vejamos grandes AVANÇOS na prática dos cristãos leigos e leigas:

- A teologia do laicato alcançou grandes avanços
- A criação do **Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB**
- Aumenta o número de cristãos leigos e leigas que exercem o ministério de teólogos, pregadores da Palavra, especializados em espiritualidade...
- As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs
- Os grupos bíblicos de reflexão, as pequenas comunidades, a catequese, as celebrações da Palavra, as escolas de teologia, as pastorais, os movimentos, as novas comunidades.

- O crescimento da consciência missionária
- A atenção e cuidado com o nascituro, as crianças, os jovens, a mulher, o idoso, a família
- Leigos e leigas qualificados para a administração dos bens de suas dioceses
- Muitos cristãos leigos e leigas, comprometidos com os movimentos sociais, movimentos populares, sindicais e conselhos paritários de políticas públicas e outros.

Mas também vemos alguns perigosos RECUOS

- Vê-se que é ainda insuficiente e até omissa a sua ação nas estruturas e realidades do mundo, nos aréopagos da universidade, da comunicação, da empresa, do trabalho, da política, da cultura, da medicina, do judiciário e outros
- Percebe-se a tendência a valorizar, exclusiva ou quase exclusivamente, o serviço no interior da Igreja
- O regresso ao tradicionalismo; a mundanidade espiritual; a pretensão de dominar os espaços da Igreja; as guerras entre nós; a obsessão por doutrinas; as propostas místicas desprovidas de compromisso social; os comodismos; a fofoca, a bisbilhotice, a tendência de criticar, classificar, analisar, controlar tudo.
- Perduram ainda a sacramentalização, o devocionismo e o clericalismo
- Há desconhecimento, desinformação e oposição às comunidades eclesiais de base, às questões agrárias, indígenas e afros, à teologia da libertação e rejeição da política
- Há resistências quanto à opção pelos pobres
- Persiste ainda o amadorismo em relação à preparação e formação das lideranças

Vejamos os ROSTOS DO LAICATO de nossa Igreja

Queremos reconhecer os diferentes rostos dos cristãos leigos e leigas, irmãos e corresponsáveis na evangelização. São para nós motivo de alegria e de ânimo na vivência do ministério ordenado. Nesse sentido, vale recordar a frase de Santo Agostinho, que, reconhecendo o peso do ministério pastoral, alegra-se com a companhia dos seus fiéis.

“Atemoriza-me o que sou para vós; consola-me o que sou convosco. Pois para vós sou bispo; convosco, sou cristão. Aquele é nome do ofício recebido; este, da graça; aquele, do perigo; este, da salvação”

- **Os casais cristãos**
- **Os Coroíñas e a Infância Missionária**
- **As mulheres, mas ainda é preciso ampliar espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja**
- **Opção preferencial pelos jovens**
- **Os Idosos**
- **Os viúvos e as viúvas**
- **Leigos e Leigas missionários além fronteiras**
- **Leigos e leigas nas ONGS, nos partidos políticos, nos sindicatos, conselhos de políticas**

O CAMPO ESPECÍFICO: O MUNDO

“A sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial [...], mas sim, o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes nas coisas do mundo” (Paulo VI - EN, n. 70).

“Com seu peculiar modo de agir, levam o Evangelho para dentro das estruturas do mundo e agindo em toda parte santamente, consagram a Deus o próprio mundo. A secularidade é a nota característica e própria do leigo e da sua espiritualidade nos vários âmbitos da vida em vista da evangelização. Deles se espera uma grande força criadora em gestos e obras em coerência com o Evangelho. A Igreja necessita de cristãos leigos que assumam cargos de dirigentes formados e fundamentados nos princípios e valores da Doutrina Social da Igreja e na teologia do laicato” (João Paulo II - EA, n. 44).

Ver o MUNDO GLOBALIZADO

O cristão leigo, como sujeito no mundo, é chamado a agir de forma consciente, responsável, autônoma e livre. Age como sujeito histórico e discípulo missionário, sempre em diálogo e abertura com as culturas e as religiões, com filosofias do tempo e da história humana e com o Magistério da Igreja.

O mundo tornou-se, pela encarnação, lugar da ação redentora do próprio Deus feito homem (GS, n. 22).

Cada cristão participa da história humana como sinal de salvação pelo testemunho e ação, como sujeito que colabora na transformação da sociedade.

As bases do mundo globalizado

- Sistema Tecnológico
- Sistema Jurídico e Financeiro
- Sistema Sócio-Espacial
- Sistema cultural: Consumo
- Sistema Informacional

O mundo globalizado pode trazer o Bem mas traz também o mal. É o Papa Francisco que nos alerta para a “Globalização da Indiferença.”

Lógica individualista do mundo globalizado

O cristão que não tem a consciência de ser sujeito corre o risco da alienação, da acomodação e da indiferença, de ser objeto, coisa.

O cristão, sujeito na Igreja e no mundo, vence a indiferença à luz do Evangelho, do Reino de Deus e da Doutrina Social da Igreja.

O consumo se torna o modo de vida comum cada vez mais universalizado.

Características da lógica individualista

- *Satisfação individual e indiferença pelo outro*
- *Supremacia do desejo em relação às necessidades*
- *Predomínio da aparência em relação à realidade*
- *Inclusão perversa*
- *Falsa satisfação*

Contradições do mundo globalizado:

- ❖ Bem-estar de uns x exclusão da maioria
- ❖ Busca de riqueza x corrupção e tráfico
- ❖ Desenvolvimento x pobreza
- ❖ Confiança no mercado x crises constantes
- ❖ Enriquecimento de uns x degradação ambiental
- ❖ Grupos sociais privilegiados x em bolsões de pobreza e miséria

Características do mundo globalizado

- Trata-se de uma sociedade individualista
- Inserção individual no mercado das ofertas
- Enfraquecimento das relações de mutualidade
- Afirmação de identidades grupais
- Comportamento uniformizador, autoritário e, em muitos casos, sectário
- A re-institucionalização como caminho de afirmação de padrões e valores
- A pluralidade ética, cultural e religiosa
- Colapso das ideologias tradicionais com o agudo relativismo de valores culturais e religiosos;
- Retorno a práticas religiosas tanto na perspectiva novidadeira da cultura atual, quanto na recuperação de um passado que já caducou

DISCERNIMENTOS NECESSÁRIOS

“É preciso esclarecer o que pode ser fruto do Reino e também o que atenta contra o projeto de Deus. (EG, n. 51).

Somos chamados a distinguir:

- ⇒ ***A pluralidade do relativismo***
- ⇒ ***A secularidade do secularismo***
- ⇒ ***Os benefícios da tecnologia da sua dependência***
- ⇒ ***O uso das redes sociais da comunicação virtual isolada***
- ⇒ ***O uso do dinheiro para a vida da idolatria do dinheiro***
 - ⇒ ***A autonomia, a liberdade e a responsabilidade pessoal do isolamento individualista***
- ⇒ ***Os valores/instituições tradicionais , do tradicionalismo***
- ⇒ ***A vivência comunitária, do comunitarismo sectário***

AS TENTAÇÕES DA MISSÃO

- ⇒ ***Ideologização da mensagem evangélica*** → A fé se torna meio e instrumento de exclusão,
- ⇒ ***Reduccionismo socializante*** → reduzir a Palavra de Deus a partir da ótica puramente social,
- ⇒ ***Ideologização psicológica*** → O psicologismo afasta da missão.
- ⇒ ***Funcionalismo*** → A evangelização se transforma em função burocrática,
- ⇒ ***Clericalismo*** → O padre centraliza tudo em sua pessoa e poder pessoal e clericaliza os leigos. Mas há leigos que procuram a clericalização
- ⇒ ***Individualismo*** → se organizam a partir de experiências espirituais intimistas e individualizantes
- ⇒ ***Comunitarismo sectário***
- ⇒ ***Secularismo*** → desemboca no laicismo
- ⇒

O Papa Francisco NOS CHAMA A ATENÇÃO PARA

a acédia egoísta, o pessimismo, a acomodação, o isolamento, as guerras entre nós, a não valorização dos leigos, da mulher, dos jovens, dos idosos e das vocações (EG, nn. 76-101).

MUDANÇAS DE MENTALIDADE E ESTRUTURAS

A Igreja é chamada a ser

- **Organização comunitária**
- **Comunidade de discípulos de Jesus Cristo**
- **Comunidade que se abre para as urgências do mundo**
- **Igreja “em saída”, de portas abertas**
- **Comunidade que mostra a fraternidade de ajuda e serviço mútuo**
- **Povo de Deus que busca sinais do Reino no mundo**
- **Comunidade inserida no mundo**
- **Escola de vivência cristã onde o projeto do Reino encontra os meios de sua realização e um sinal de contradição para tudo aquilo que não condiz com o plano de Deus;**

Mas a mudança de mentalidade implica mudança de estruturas

Aparecida nos convida a impregnar as estruturas e os planos pastorais em todos os níveis com firme atitude missionária e a “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAp, n. 213, 365 e 366).

“A corresponsabilidade exige uma mudança de mentalidade, relativa, em particular, ao papel dos leigos na Igreja, que devem ser considerados não como ‘colaboradores’ do clero, mas como pessoas realmente ‘corresponsáveis’ do ser e do agir da Igreja. Por conseguinte, é importante que se consolide um laicato maduro e comprometido, capaz de oferecer a sua contribuição específica para a missão eclesial, no respeito pelos ministérios e pelas tarefas que cada um desempenha na vida da Igreja, e sempre em comunhão cordial com os bispos” (Bento XVI, no Foro Internacional da Ação Católica, 2012)

A Igreja da escuta, do diálogo e do encontro. Se insere no mundo como quem ensina e aprende, diz sim e diz não, mas, sobretudo, como quem serve

CAPÍTULO II

SUJEITO ECLESIAL: DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS E CIDADÃOS DO MUNDO

“Vós sois o sal da terra”. “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,13-14).

Jesus nos ensina a ser sujeitos de nossa vida. Por palavras e ações, ele foi verdadeiramente sujeito de sua vida e de seu ministério. Ele é modelo para todo cristão, chamado a ser sujeito livre e responsável, capaz de opções, de decisões e de um amor incondicional. (Doc 91)

A fé cristã nos impulsiona e convoca a ser verdadeiros sujeitos na Igreja e na sociedade.(DOC 91)

Na eclesiologia de comunhão funda-se a concepção dos cristãos leigos e leigas como sujeitos eclesiais, discípulos missionários, membros da Igreja e cidadãos do mundo, caracterizados pela liberdade, autonomia e relacionalidade.(DOC 92)

A unidade da Igreja se realiza na diversidade de rostos, carismas, funções e ministérios.

IGREJA POVO DE DEUS

Os modelos de organização eclesial podem mudar ao longo da história; permanece, no entanto, a regra mais fundamental: a primazia do amor (1Cor 13),

Uma das compreensões centrais da Igreja na tradição bíblico-eclesial e desenvolvida de maneira privilegiada no Vaticano II é a de Povo de Deus (LG, n. 9-17). Esta noção sugere a importância de todos os membros da Igreja, como propriedade particular de Deus, reino de sacerdotes e nação santa (Ex 19,5-6).

A noção da Igreja como povo de Deus lembra que a salvação, embora pessoal, não considera as pessoas de maneira individualista, mas como inter-relacionadas e interdependentes. A noção de povo de Deus chama a atenção para a totalidade dos batizados: todos fazem parte do povo sacerdotal, profético e real.

A Igreja: o corpo de Cristo na História

A imagem do Corpo de Cristo implica num forte compromisso ético de cuidado e solidariedade dos membros uns para com os outros, especialmente para com os mais fracos (1Cor 12,12-27)

O Concílio Vaticano II valorizou a fundamentação sacramental da Igreja, especialmente pelos sacramentos da iniciação cristã.

Compreender e viver a Igreja como diversidade na unidade é fundamental para entender e valorizar a vocação, a identidade, a espiritualidade e a missão dos cristãos leigos e leigas.

Apesar do crescimento da consciência da identidade e da missão dos cristãos leigos e leigas na Igreja e no mundo, ainda há longo caminho a percorrer: “A tomada de consciência desta responsabilidade laical, que nasce do Batismo e da Confirmação, não se manifesta de igual modo em toda a parte; em alguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, em outros por não encontrarem espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir, por causa de um excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões” (EG, n. 102).

Identidade e Dignidade da Vocação Laical

A partir da concepção eclesiológica da comunhão, o Concílio definiu o cristão leigo de maneira positiva.

“Estes fiéis foram incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos Povo de Deus e, a seu modo, feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG, n. 31).

“Os fiéis leigos estão na linha mais avançada da vida da Igreja: por eles, a Igreja é o princípio vital da sociedade. Por isso, eles devem ter uma consciência cada vez mais clara, não somente de que pertencem à Igreja, mas de que são Igreja, isto é, comunidade dos fiéis na terra sob a direção do chefe comum, o Papa, e dos bispos em comunhão com ele. Eles são Igreja” (Pio XII)

Não é evangélico pensar que os ministros ordenados sejam mais importantes e mais dignos, sejam “mais” Igreja do que os leigos. Esta mentalidade errônea esquece que a dignidade não advém dos serviços e ministérios que cada um exerce, mas da própria iniciativa divina, sempre gratuita, da incorporação a Cristo pelo Batismo. (doc 109)

O sacerdócio comum

Os cristãos leigos e leigas são portadores da cidadania batismal, participantes do sacerdócio comum, fundado no único sacerdócio de Cristo.

“É necessário que os leigos se conscientizem de sua dignidade de batizados e os pastores tenham profunda estima por eles. A renovação da Igreja na América Latina não será possível sem a presença dos leigos; por isso, lhes compete, em grande parte, a responsabilidade do futuro da Igreja” (EA, n. 44).

O perfil mariano da Igreja

Perseverando junto aos apóstolos à espera do Espírito, Maria cooperou com o nascimento da Igreja missionária, imprimindo-lhe um selo mariano e maternal, que identifica profundamente a Igreja de Cristo (DAp, n. 267).

“Este perfil mariano é, para a Igreja, tão fundamental e característico – senão muito mais – que o perfil apostólico e petrino, ao qual está intimamente ligado.

A dimensão mariana da Igreja precede, neste sentido, a dimensão petrina ainda que lhe seja intimamente unida e complementar. Maria precede Pedro e os Apóstolos. Ela é santa e rainha dos Apóstolos, que são pecadores. Maria é figura da Igreja. Ela precede todos no caminho rumo à santidade. Na sua pessoa a Igreja já atingiu a perfeição”

A reflexão sobre o perfil mariano da Igreja abre muitos horizontes e oferece luzes para maior e melhor compreensão do ser e da missão dos leigos e leigas no seio do povo de Deus. Em Maria, mulher leiga, santa, Mãe de Deus, os fiéis leigos e leigas encontram razões teológicas para a compreensão de sua identidade e dignidade no povo de Deus.

Vocação universal à santidade

Os cristãos leigos, homens e mulheres, são chamados, antes de tudo, à santidade. São interpelados a viver a santidade no mundo.

O Concílio foi muito claro na afirmação da “vocação universal à santidade”, que advém de Cristo, fonte de toda a santidade. Se nem todos são chamados aos mesmos caminhos, ministérios e trabalhos, “todos, no entanto, são chamados à santidade” (LG, 32; cf. 39-40).

Os cristãos leigos e leigas se santificam de forma peculiar na sua inserção nas realidades temporais, na sua participação nas atividades terrenas. (doc 116-118)

O cristão leigo como sujeito eclesial

O cristão leigo é verdadeiro sujeito eclesial mediante sua dignidade de batizado, vivendo sua condição de filho de Deus na fé, aberto ao diálogo, à colaboração e a corresponsabilidade com os pastores.

Como sujeito eclesial, assume seus direitos e deveres na Igreja, sem cair no fechamento ou na indiferença, sem submissão servil nem contestação ideológica. Ser sujeito eclesial significa ser maduro na fé, testemunhar amor à Igreja, servir os irmãos e irmãs, permanecer no seguimento de Jesus, na escuta obediente à inspiração do Espírito Santo e ter coragem, criatividade e ousadia para dar testemunho de Cristo.

“A maior parte dos batizados ainda não tomou plena consciência de sua pertença à Igreja. Sentem-se católicos, mas não Igreja” (DSD, 96). Persiste ainda forte mentalidade clerical que dificulta a corresponsabilidade, o protagonismo e a participação do leigo como sujeito eclesial.

Por sua fé em Jesus Cristo

- ➔ a comunidade cristã expande a noção de sujeito
- ➔ a igualdade é universalizada
- ➔ a liberdade é radicalizada
- ➔ o amor é levado às últimas consequências
- ➔ a responsabilidade é de cada membro da comunidade
- ➔ a salvação é para todos os povos (At 10,34-35).

Mais que no passado, temos hoje as condições eclesiais, as condições sociais, políticas e culturais e as bases eclesiológicas para que o cristão leigo exerça sua missão como autêntico sujeito eclesial, apto a atuar na Igreja e na sociedade e a promover uma relação construtiva entre ambas.

Liberdade, autonomia e relacionalidade

“É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

Cada pessoa se revela sujeito ao assumir essa liberdade, essa autonomia e essa relacionalidade.

O sujeito eclesial é:

- livre** quando toma consciência da nova criatura que se tornou livre em Cristo e da realidade na qual está inserido;
- autônomo**, quando é capaz de decidir por si mesmo;
- relacional**, quando se abre aos outros e ao mundo.

Dessa maneira, descobre-se responsável por si e pelos outros. O cristão leigo é verdadeiro sujeito na medida em que

- crece** na consciência de sua dignidade de batizado,
- assume** de maneira pessoal e livre as interpelações da sua fé,
- abre-se** de maneira integrada às relações fundamentais (com Deus, com o mundo, consigo mesmo e com os demais)
- contribui** efetivamente na humanização do mundo, rumo a um futuro em que Deus seja tudo em todos.

O cristão leigo cresce em sua consciência de sujeito quando descobre que sua liberdade, autonomia e relacionalidade não são apenas

características de cada ser humano maduro, mas quando experimenta essas características como dom do Cristo crucificado e ressuscitado.

Com efeito, é Cristo quem oferece a todos a possibilidade de se fazerem sujeitos, de maneira especial os que não são considerados em sua dignidade pessoal, como os pobres e marginalizados. Com Jesus, sua autonomia é recuperada em novas relações de amor e afeto que libertam

A verdadeira comunhão cristã gera autonomia, liberdade e corresponsabilidade; por sua vez, estas são necessárias para a autêntica comunhão .

O processo de autonomia de ação e organização do laicato se realiza no interior da comunidade eclesial e, portanto, na comunhão com os demais membros e seus pastores. A propósito, o Documento de Santo Domingo recomenda: *“Promover os Conselhos de Leigos, em plena comunhão com os pastores e adequada autonomia, como lugares de encontro, diálogo e serviço, que contribuam para o fortalecimento da unidade, da espiritualidade e organização do laicato”* (DSD, n. 98).

A maturidade dos cristãos leigos

Os cristãos leigos e leigas têm um lugar insubstituível no anúncio e serviço do Evangelho.

“A Igreja é um corpo diferenciado onde cada um tem sua função. As tarefas são distintas e não deverão confundir-se. Não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros, não são pretextos para invejas. Os maiores no Reino dos céus não são os ministros, são os santos” (CfL, n. 51, nota 190).

Para uma adequada formação de verdadeiros sujeitos é necessário que liberdade e autonomia se desenvolvam não no fechamento ou na indiferença, mas na abertura solidária aos outros e às

suas realidades. A abertura ao outro não é opcional, mas condição necessária para a realização do ser humano.

O cristão, sujeito na Igreja e no mundo, é discípulo missionário, seguidor e testemunha de Jesus Cristo. É o cristão maduro na fé, que experimentou o encontro pessoal com Jesus Cristo e se dispôs a segui-lo com todas as consequências dessa escolha.

Entraves à vivência do cristão como sujeito na Igreja e no mundo

Algumas oposições estão tão enraizadas na mentalidade e na prática das comunidades e dos fiéis que podem chegar a impedir alguns cristãos leigos de se verem como verdadeiros sujeitos na Igreja e no mundo. Eis algumas delas:

- ❖ a) *Oposição entre a fé e a vida*
- ❖ b) *Oposição entre sagrado e profano*
- ❖ c) *Oposição entre a Igreja e o mundo*
- ❖ d) *Oposição entre identidade eclesial e ecumenismo*

De certa maneira todas essas oposições se resumem no receio de assumir o que é do mundo. A valorização das tarefas no interior da Igreja em detrimento dos compromissos com a inserção na realidade leva os cristãos leigos e leigas à esquizofrenia religiosa.

“Apesar de se notar a participação de muitos nos ministérios laicais, este compromisso não se reflete na penetração dos valores cristãos no mundo social, político e econômico; limita-se muitas vezes a tarefas no seio da Igreja, sem um empenhamento real pela aplicação do Evangelho na transformação da sociedade” (EG, n. 102).

Âmbitos de comunhão eclesial e atuação do leigo como sujeito

No âmbito da Igreja há muitos espaços nos quais os cristãos leigos e leigas exercem seu ser e seu agir cristão, sua identidade e dignidade de sujeito eclesial.

A família

Na celebração do sacramento do Matrimônio os cristãos leigos e leigas exercem seu sacerdócio batismal. Eles são ministros da celebração. Exercem seu sacerdócio, não só na celebração, mas igualmente na consumação do sacramento, na geração e educação dos filhos.

A paróquia e as comunidades eclesiais

A paróquia e as comunidades eclesiais são espaço para a vivência da unidade na diversidade onde os cristãos leigos atuam como sujeitos e têm cidadania plena. As pequenas comunidades, os setores da paróquia, os grupos bíblicos de reflexão, as redes de comunidades, as assembleias pastorais, os conselhos, os movimentos, as novas comunidades, as associações na pastoral orgânica e de conjunto, são formas concretas de comunhão e participação nas quais o cristão leigo atua como sujeito eclesial.

As assembleias e reuniões pastorais

Nas assembleias e reuniões pastorais aprende-se a ser Igreja, a fortalecer a unidade no respeito pela diversidade.

Todas as pessoas têm o direito de falar. Não haja, pois, monopólio nem centralização da palavra.

Nessas ocasiões temos oportunidade de ser Igreja-comunidade, Igreja-família, Igreja-comunhão e participação.

A obsessão por doutrina, disciplina, normas, dá lugar ao elitismo autoritário e narcisista que é uma forma desvirtuada de cristianismo (EG, n. 94).

As Comunidades Eclesiais de Base

As Comunidades Eclesiais de Base são uma forma de vivência comunitária da fé, de inserção na sociedade, de exercício do profetismo e de compromisso com a transformação da realidade sob a luz do Evangelho. São presença da Igreja junto aos mais simples, aos descartados, aos excluídos. São instrumentos que permitem ao povo conhecer a Palavra, celebrar a fé, contribuem o crescimento do Reino de Deus na sociedade.

Movimentos eclesiais, associações de fiéis e novas comunidades

Os movimentos eclesiais, as associações de fiéis e as novas comunidades são dons do Espírito para a Igreja. Os cristãos leigos e leigas têm liberdade associativa que é um direito próprio e não uma concessão da autoridade . Os movimentos eclesiais e as associações de fiéis são um sinal da Providência de Deus para a Igreja de hoje.

Os Conselhos Pastorais e os Conselhos de Assuntos Econômicos

Os Conselhos Pastorais decorrem da eclesiologia de comunhão, fundamentada na Santíssima Trindade. São organismos de participação e corresponsabilidade (CNBB, Doc. 100, n. 290). A ausência de Conselhos Pastorais é reflexo da centralização e do clericalismo.

Crítérios de eclesialidade

Para preservar a unidade da Igreja, e evitar o risco de “Igrejas paralelas”, tanto o Papa Francisco como São João Paulo II indicam os critérios de eclesialidade a serem observados, para que as Comunidades Eclesiais de Base, as pequenas comunidades, os movimentos e associações sejam autenticamente eclesiais:

- A primazia dada à vocação de cada cristão à santidade
- A responsabilidade em professar a fé católica integralmente
- O testemunho de uma comunhão sólida com o Papa e com o bispo
- A conformidade e a participação na finalidade apostólica da Igreja.
- O empenho de uma presença na sociedade

“não percam o contato com a paróquia local e se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular. Esta integração evitará que fiquem só com uma parte do Evangelho e da Igreja, ou que se transformem em nômades sem raízes” (EG, n. 29).

Carismas, serviços e ministérios na Igreja

O mesmo Espírito divino que garante a comunhão na mesma fé e no mesmo amor, num só Senhor e num só Batismo (Ef 4,5), suscita também a diversidade de dons, carismas, serviços e ministérios no interior da Igreja. “O Espírito Santo distribui graças especiais aos fiéis das mais variadas condições, tornando-os aptos e dispostos a assumir os trabalhos e funções úteis à renovação e maior desenvolvimento da Igreja.

A diversidade de dons suscitada pelo Espírito possibilita respostas criativas aos desafios de cada momento histórico. O Espírito age com liberdade e liberalidade, e sua inspiração pode suscitar formas variadas de ação evangelizadora e transformadora (1Cor 12,4-10; Rm 12,6-8; 1Pd 4,10-11).

Por meio dos carismas, serviços e ministérios, o Espírito Santo capacita a todos na Igreja para o bem comum, a missão evangelizadora e a transformação social, em vista do Reino de Deus. Os carismas devem ser acolhidos e valorizados.

Serviços e ministérios estão fundamentados nos sacramentos do Batismo e da Crisma. Uma Igreja toda ministerial oferece espaços de comunhão, corresponsabilidade e atuação dos leigos e colabora com a descentralização.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, de São João Paulo II, sintetiza deste modo a teologia dos carismas:

“são dons e impulsos especiais que podem assumir as mais variadas formas, como expressão da liberdade absoluta do Espírito e como resposta às necessidades da Igreja; têm uma utilidade eclesial, quer sejam extraordinários ou simples; podem florescer também em nossos dias e podem gerar afinidade espiritual entre as pessoas; devem ser recebidos com gratidão como riqueza para a missão; ao serem reconhecidos, necessitam de discernimento que aprofunde suas motivações e potencialidades; devem ser exercidos em comunhão com os pastores da Igreja” (CfL, n. 24).

O ministério é, fundamentalmente, *“o carisma que assume a forma de serviço à comunidade e à sua missão no mundo e na Igreja”* e *“como tal é acolhido e reconhecido”* pela Igreja (CNBB, Doc. 62, n. 83).

Nos ministérios ordenados (dos bispos, padres e diáconos), o carisma é reconhecido e instituído mediante o sacramento da Ordem.

Os *ministérios dos cristãos leigos e leigas* podem ser “reconhecidos”, “confiados” e “instituídos” (CNBB, Doc. 62, n. 87; 88; 153).

Convém acatar integralmente e valorizar a possibilidade de catequistas leigos e leigas presidirem alguns ritos previstos no processo de Iniciação à Vida Cristã (RICA, n. 48, 113, 124).

O Documento de Aparecida reconhece, na Igreja da América Latina e do Caribe, os “ministérios confiados aos leigos e outros serviços pastorais.

E sugere que se abram aos leigos e leigas “espaços de participação”, confiando-lhes “ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira responsável seu compromisso cristão” (DAp, n. 211).

Não é mais possível pensar uma Igreja que não incentive a participação e a corresponsabilidade dos cristãos leigos e leigas na missão. “O empenho para que haja participação de todos nos destinos da comunidade supõe reconhecer a diversidade de carismas, serviços e ministérios dos leigos” (CNBB, Doc. 100, n. 211).

Serviço cristão ao mundo

É missão do Povo de Deus assumir o compromisso sócio-político transformador, que nasce do amor apaixonado por Cristo. Desse modo, se incultura o Evangelho.

A atuação cristã no social e no político não deve ser considerada "ministério", mas "serviço cristão ao mundo“, respeitando a legítima autonomia das realidades terrestres e do cristão nelas envolvido (CNBB, Doc. 62, n. 91).

Assim, a participação consciente e decisiva dos cristãos em movimentos sociais, entidades de classe, partidos políticos, conselhos de políticas públicas e outros, sempre à luz da Doutrina Social da Igreja, constitui-se num inestimável serviço à humanidade e é parte integrante da missão de todo o Povo de Deus.

Os cristãos são cidadãos e esta cidadania brota do coração mesmo da missão da Igreja, inspirada no núcleo do Evangelho, o mistério da Encarnação: “a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14).

Os cristãos, para seguir e servir a Deus, devem “descer” e “entrar” em tudo o que é humano, que constrói um mundo mais humano e que nos humaniza (EG, n. 24).

Ser cristão, sujeito eclesial, e ser cidadão não podem ser vistos de maneira separada.

“a construção da cidadania, no sentido mais amplo, e a construção de eclesialidade nos leigos é um só e único movimento” (DAp, n. 215)

O cristão leigo expressa o seu ser Igreja e o seu ser cidadão na comunidade eclesial e na família, nas opções éticas e morais, no testemunho de vida profissional e social, na sociedade política e civil e em outros âmbitos.

Busca sempre a coerência entre ser membro da Igreja e ser cidadão, consciente da necessidade de encontrar mediações concretas – quer sejam políticas, jurídicas, culturais ou econômicas – para a prática do mandamento do amor, de forma especial em favor dos marginalizados, visando a transformação das estruturas sociais injustas.

Os cristãos leigos e leigas são Igreja e como tal vivem sua cidadania no mundo através de sua presença nas macro e microestruturas que compõem o conjunto da sociedade. Eles sabem que a Igreja existe unicamente para servir. “É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada” (GS, n. 3).

CAPÍTULO III

A AÇÃO TRANSFORMADORA NA IGREJA e NO MUNDO

E a massa toda fica fermentada (Mt 13,33)

“Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura!” (Mc 16,15)

O anúncio do Evangelho a todos os povos e a todos os âmbitos da vida humana é missão especial dos cristãos leigos e leigas. Enviados por Cristo, em comunhão com os ministros ordenados e as pessoas da vida consagrada, os cristãos leigos e leigas são fermento. O fermento, quando misturado à massa, desaparece. No entanto, aquela massa já não é mais a mesma.

Guiados pelo Espírito Santo, com profetismo e paciência, na comunhão da Igreja, abrem novos horizontes até que a massa toda fique fermentada.

Igreja, comunidade missionária

Igreja em “chave de missão” significa estar a serviço do reino, em diálogo com o mundo, inculturada na realidade histórica, inserida na sociedade, encarnada na vida do povo.

“a Igreja é comunhão no amor” (DAP, n. 161)

Ela é chamada a tornar-se cada vez mais na prática aquilo que já é na sua essência:

comunidade missionária. Comunidade que reflete na terra o amor e a comunhão das pessoas da Santíssima Trindade.

- O Papa Francisco quer uma Igreja de portas abertas.
- Mais forte no querigma do que no legalismo;
- Igreja da misericórdia mais do que da severidade;
- Igreja que “não cresce por proselitismo, mas, por atração” (*Bento XVI*)D.I. de Ap.

‘Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo’ (EG, n. 7; DCE, n. 1).

Motivados pelas orientações do Papa Francisco que convoca para uma “Igreja em saída”, os cristãos leigos evangelizarão com ardor, dinamismo, ousadia, criatividade, coragem e alegria. Não terão medo de se sujar com a lama da estrada. Antes, terão medo de ficar fechados nas estruturas que criamos.

Cada cristão pode dizer: ***“Eu sou uma missão nesta terra e para isso estou neste mundo”*** (EG, n. 273). Não podemos ficar tranquilos em nossos templos em espera passiva. É necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária (EG, n. 21).

É condição indispensável o conhecimento profundo da Palavra de Deus. Temos que fundamentar nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus” (*Bento XVI, D.I. em Ap.*)

O mundo globalizado e consumista em que vivemos se sustenta na lógica do lucro que cria o mecanismo de acumulação e onipotência do mercado. Isso gera exclusão, insatisfação, depredação da natureza. Todavia, quem crê na globalização da solidariedade fará de tudo para diminuir as desigualdades sociais geradoras de violência, de alcoolismo,

de drogas, de desestruturação da família. Precisamos de mudança nos bairros, nas periferias, no campo e na cidade.

A Igreja missionária é semeadora de esperança, visto que o mundo pode ser diferente. *“Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”* (1 Jo 5,4).

Fortalecido pelo profetismo do Papa Francisco, o cristão discípulo missionário enfrentará, como profeta, as realidades que contradizem o Reino de Deus e insistirá em dizer:

“Não a uma economia de exclusão”.

“Não à cultura descartável” (EG, n. 53).

“Não à globalização da indiferença” (EG, n. 54).

“Não à idolatria do dinheiro” (EG, n. 55).

“Não à especulação financeira” (EG, n. 56).

“Não ao dinheiro que domina ao invés de servir” (EG, n. 57).

“Não à desigualdade social que gera violência” (EG, n. 59).

“Não à fuga dos compromissos” (EG, n. 81).

“Não ao pessimismo estéril” (EG, n. 84).

“Não ao mundanismo espiritual” (EG, n. 93).

“Não à guerra entre nós” (EG, n. 98).

Por outro lado o mesmo discípulo missionário gritará:

“Não nos roubem o entusiasmo missionário” (EG, n. 80).

“Não nos roubem a alegria da evangelização” (EG, n. 83).

“Não nos roubem a esperança” (EG, n. 86).

“Não deixemos que nos roubem a comunidade” (EG, n. 92).

“Não deixemos que nos roubem o Evangelho” (EG, n. 97).

“Não deixemos que nos roubem o ideal de amor fraterno” (EG, n. 101).

Eis o que significa ser missionário no mundo globalizado, consumista e secularizado.

A ação dos cristãos leigos e leigas no mundo pode ser vista de várias maneiras.

- **Primeiro**, a ação rotineira feita nas funções diárias na casa, no trabalho e no lazer.
- **Segundo**, por meio da ação dos homens e mulheres que trabalham na construção do mundo nas mais diversas frentes.
- **Terceiro**, atuam os cristãos leigos que se organizam em nome da fé para influenciar positivamente na construção da sociedade.

Em todos os casos, a graça de Deus atua como força primeira que possibilita e leva a bom termo as ações humanas. Vale recordar a oração do salmista:

*“Se o Senhor não construir a casa,
é inútil o cansaço dos pedreiros” (Sl 127,1).*

Igreja pobre, para os pobres, com os pobres

O Papa Francisco quer uma Igreja pobre, a serviço dos pobres, presente nas periferias geográficas e existenciais.

“Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos” (EG, n. 48).

O Doc. de Ap. nos diz que é preciso que estejamos atentos às novas formas de pobreza e fragilidade:

- ⇒ os sem-abrigo os refugiados
- ⇒ os povos indígenas
- ⇒ os negros
- ⇒ os nômades
- ⇒ os idosos
- ⇒ aos que sofrem formas de tráfico,
- ⇒ as mulheres que padecem situações de violência e maus tratos
- ⇒ os menores em situação de risco
- ⇒ os deficientes
- ⇒ os nascituros (os mais indefesos de todos)

Papa Francisco:

- nenhuma **família** sem casa,
- nenhum **camponês** sem terra,
- nenhum **trabalhador** sem direitos,
- nenhum **povo** sem soberania,
- nenhuma **pessoa** sem dignidade.

A Igreja do serviço, da escuta e do diálogo

A Igreja se propõe a trabalhar na construção de uma “cultura do encontro”. Isso implica não se fechar na própria comunidade, na própria instituição paroquial ou diocesana, no grupo de amigos, na própria religião, em si mesmo (EG, n. 220)

Toda atitude de fechamento despreza a universalidade do Povo de Deus e bloqueia a irradiação do testemunho do amor de Deus. O encontro gera compromissos para o bem comum, com sabedoria e humildade.

Na cultura do encontro, todos contribuem e recebem. Este é espaço aberto para os cristãos leigos e leigas, nesta sociedade dilacerada pelo desrespeito ao diferente, pela intolerância e pelo medo do outro.

Uma espiritualidade encarnada

Uma espiritualidade encarnada caracteriza-se pelo seguimento de Jesus, pela vida no Espírito, pela comunhão fraterna e pela inserção no mundo.

É preciso discernir e rejeitar a *“tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação”* (NMI, n. 52).

A oração e a contemplação são fundamentais na vida dos cristãos. É preciso cultivar um espaço interior dinamizado por um espírito contemplativo que ajude a cuidar da integridade da consciência e do coração e dê sentido cristão ao compromisso e às atividades.

A experiência do encontro pessoal com Jesus, sempre renovada, é a única capaz de sustentar a missão. Por isso, ele deve dedicar tempo à oração sincera, que leva a saborear a amizade e a mensagem de Jesus (EG, n. 266), especialmente por meio da leitura orante.

Em virtude do Batismo, que está na origem do sacerdócio comum dos fiéis, os cristãos leigos e leigas são chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, fonte de nossa vida comunitária e do amor transbordante que devemos testemunhar.

Os primeiros cristãos eram um só coração e uma só alma, e juntos viviam e testemunhavam a novidade do Evangelho (cf. At 2,42-45; 4,32-35)

Um desafio para os cristãos leigos e leigas é superar as divisões e avançar no seguimento de Cristo, aprendendo e praticando as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do Mestre Jesus

Os cristãos leigos e leigas que vivem em circunstâncias adversas, impossibilitados de uma atuação mais concreta, não se sintam do lado de fora da única missão da Igreja e tenham a consciência de que o sofrimento também é uma realidade aberta para a evangelização.

Espiritualidade de comunhão e missão

Em sua inserção no mundo, os cristãos leigos são convidados a viver a espiritualidade de comunhão e missão.

A espiritualidade de comunhão e missão tem seu fundamento na comunidade trinitária e no mandamento do amor. O outro não é apenas alguém, mas um irmão, dom de Deus, continuação da Encarnação do Senhor. Espiritualidade de comunhão e missão significa respeito mútuo, diálogo, proximidade, partilha, benevolência e beneficência.

A espiritualidade de comunhão e missão se comprova no esforço e na prática da misericórdia do perdão, da reconciliação e da fraternidade, até ao amor aos inimigos. Cultiva o esquecimento de si e a elevação do outro. O discípulo missionário torna-se fonte de paz, de relacionamento, de concórdia, de unidade.

Místicas que não servem

Na conjuntura atual da Igreja despontam tendências ao subjetivismo sentimental, ao devocionismo, ao demonismo, às “revelações privadas”.

escreve o Papa Francisco:

“Certo é também que, às vezes, se dá maior realce a formas exteriores das tradições de grupos concretos ou a supostas revelações privadas que se absolutizam, do que ao impulso da piedade popular cristã. Há certo cristianismo feito de devoções, próprio de uma vivência individual e sentimental da fé, que na realidade não corresponde a uma autêntica “piedade popular”.

alerta Papa Francisco:

“não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade” (EG, n. 262).

A espiritualidade popular

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* refere-se à religiosidade popular como força evangelizadora.

A piedade popular retrata a sede de Deus que o povo experimenta e leva até à generosidade, ao sacrifício e ao heroísmo. É a espiritualidade dos simples, é uma maneira de viver a fé, é um modo de se sentir Igreja, uma forma de ser missionário.

“A religiosidade popular é fruto do evangelho inculturado, é um lugar teológico ao qual devemos prestar atenção porque tem muito para nos ensinar” (EG, n. 126).

O Papa Bento XVI chama a religiosidade popular de “tesouro precioso da Igreja na qual aparece a alma do povo” (*DI em DaP*)

Pensemos na fé firme das mães rezando ao pé da cama de seus filhos doentes, na carga imensa de esperança contida numa vela acesa, no olhar que se volta para o crucifixo, para o céu e para Maria e os santos.

Pensemos nas peregrinações aos santuários, no amor e respeito pelos mortos, nas novenas, na via-sacra, nas procissões, no rosário, nos cânticos, nas orações etc.

A espiritualidade popular é uma confissão de fé que evangeliza filhos, vizinhos, parentes, amigos e toda a sociedade.

O mundanismo espiritual

Uma forma de “mundanismo espiritual” segundo o Papa Francisco consiste em “só confiar nas próprias forças e se sentir superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico, próprio do passado.

“O mundanismo espiritual

- ❑ esconde-se por detrás de fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas, ou atração pelas dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial” (EG, n. 95).
- ❑ “em uma densa vida social...
- ❑ desdobra-se num funcionalismo empresarial carregado de estatísticas, planificações e avaliações (...)
- ❑ Encerra-se em grupos de elite, não sai à procura dos que andam perdidos nem das imensas multidões sedentas de Cristo.
- ❑ Já não há ardor evangélico, mas, o gozo espúrio duma autocomplacência egocêntrica” (EG, n. 95).

CAPÍTULO III

A presença e organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil

Durante a primeira metade do século XX, constatamos a presença das **irmandades, das confrarias e associações**, algumas delas herdadas de séculos anteriores, numa dimensão mais espiritual e/ou de assistência. Em geral, eram conduzidas pelo clero.

Em 1935, no Brasil, foi oficializada a **Ação Católica Geral** e, mais tarde, a **Ação Católica Especializada (ACE): Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Universitária Católica (JUC) e Ação Católica Operária**

(ACO), que se transformou em Movimento de Trabalhadores Cristãos (MTC).

A Ação Católica teve presença significativa na realidade eclesial e social daquele período.

Seus membros foram descobrindo que a sua ação decorria do batismo recebido e não de um mandato do bispo. Esta nova consciência gerava o compromisso com a ação transformadora da sociedade, buscando impregná-la dos valores evangélicos.

Na Ação Católica foram se definindo as relações da Igreja com o mundo em bases renovadas, numa superação dos esquemas da antiga cristandade. Também foram se delineando os traços da teologia do laicato e por conseguinte o estatuto próprio do leigo na Igreja como iria aparecer mais tarde.

Nos anos que se seguem ao Concílio emergiu a consciência dos cristãos leigos e leigas como Povo de Deus e sujeitos eclesiais. Nesse horizonte, constatamos a busca de atualização das entidades existentes, o crescimento da sua presença e o surgimento de inúmeras iniciativas que brotaram na vida da Igreja no Brasil e outras vindas de Igrejas de outros países. Certamente é uma tarefa difícil abordar a riqueza e a diversidade dessa presença e atuação. Vale explicitar algumas delas.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)

Estas vêm sendo espaço privilegiado de participação de cristãos leigos e leigas em comunhão com os pastores. A prática eclesial dessas Comunidades possibilitou a consciência de seus membros, particularmente dos pobres, de ser Povo de Deus, de que sua pertença à

Comunidade decorre do seu Batismo. As CEBs têm a Palavra de Deus como centro, uma dimensão missionária e engajam-se nas lutas de transformação da sociedade na perspectiva do Reino de Deus. É “uma forma privilegiada de vivência comunitária da fé” (DGAE, 94, n. 102

Além das CEBs e em unidade com elas, há em muitas dioceses grupos de reflexão, grupos de família, grupos de estudos bíblicos, nos quais se reflete a Palavra de Deus interpretando-a e praticando-a em relação com os desafios das comunidades.

Outro espaço importante:

Pastorais Sociais

Significam a solicitude e o cuidado de toda a Igreja missionária diante de situações reais de marginalização, exclusão e injustiça. A sua perspectiva de atuação deve ser profético-transformadora, indo além do assistencialismo.

Nesse conjunto, podemos situar, também, várias entidades :

- ✓ **Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP);**
- ✓ **Conselho Indigenista Missionário (CIMI);**
- ✓ **Comissão Pastoral da Terra (CPT);**
- ✓ **Pastoral Operária,**
- ✓ **Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES);**
- ✓ **Centro Nacional de Fé e Política “D. Helder Câmara” (CEFEP)**

Participação do cristão leigo jovem na Igreja e no mundo

O trabalhos pastorais com a juventude se reorganizaram por meio das Pastorais da Juventude

- juventude do meio popular – PJMP;
- juventude de base – PJ;
- juventude estudantil – PJE;
- juventude rural – PJR,

Os incontáveis cristãos leigos e leigas que atuam através dos seus trabalhos em instituições como universidades, escolas, hospitais, asilos, creches, meios de comunicação, empresas, evangelizando pelo testemunho e contribuindo para a expansão do Reino de Deus.

A participação e presença dos cristãos leigos e leigas acontecem, também, na dinâmica interna da comunidade eclesial:

- ❖ **nos conselhos pastorais e econômicos;**
- ❖ **nos Tribunais Eclesiásticos;**
- ❖ **nas assembleias e sínodos diocesanos;**
- ❖ **nos ministérios leigos;**
- ❖ **na vida litúrgica;**
- ❖ **nas diversas pastorais**
- ❖ **Como catequistas, a iniciação à vida cristã**

O Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB

Nos anos de 1970, como fruto do Concílio Vaticano II, na Igreja no Brasil, criou-se, como organismo de articulação do laicato, o então Conselho Nacional dos Leigos (CNL), hoje Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB).

Alguns elementos históricos desse processo

O engajamento dos militantes da Ação Católica (AC) na política, no começo da década de 1960, e os conflitos com a hierarquia e outros

segmentos leigos, bem como o golpe militar em 1964, com sua repressão, levaram os movimentos, em particular a AC, a viver um período de crise que resultou na extinção da JUC e da JEC.

Na 11ª Assembleia Geral da CNBB, foi aprovada a criação de um futuro organismo de leigos. que culminou na criação do Conselho Nacional de Leigos em 1975.

Ao longo da sua história, o CNL foi se estruturando em Conselhos Regionais e Diocesanos e agregando movimentos e associações laicais

A Conferência Episcopal expressou o reconhecimento dessa articulação do laicato brasileiro em suas Diretrizes e Planos quadrienais desde as Diretrizes 1975-1978 (CNBB, Doc. 4).

Essa organização é fundamental para o exercício da missão com todos os seus desafios. Na evangelização do mundo de hoje há questões às quais só os cristãos leigos organizados oficialmente podem dar respostas como Igreja inserida no mundo.

O documento de Aparecida destaca:

“Reconhecemos o valor e a eficácia dos conselhos paroquiais, conselhos diocesanos e nacionais de fiéis leigos, porque incentivam a comunhão e a participação na Igreja e sua presença no mundo”
(DAp, n. 215).

O tema do laicato retornou na Assembleia da CNBB de 1998. Após estudos nas dioceses e nas diferentes expressões laicais, inclusive na 4ª Assembleia Nacional dos Organismos do Povo de Deus, a Assembleia da CNBB de 1999 aprovou o documento “Missão e Ministério dos Cristãos Leigos e Leigas”, conhecido como Documento 62.

“é desejável que em sua missão os cristãos leigos, superando eventuais divisões e preconceitos, busquem valorizar suas diversas

formas de organização, em especial os Conselhos de Leigos em todos os níveis” (CNBB 62, n. 191).

Em 2004, a CNBB aprovou o novo estatuto do CNLB, em conformidade com o Direito Canônico (CDC, cân. 215), como uma Associação Pública de Fiéis.

O CNLB, objetivando a articulação e a integração das diversas organizações do laicato, busca despertar nos leigos e leigas a consciência crítica e criativa, estimula sua participação nas instâncias internas da Igreja como sujeitos eclesiais.

Além de ser um organismo de comunhão, o CNLB tem por objetivo criar e apoiar mecanismos de formação e capacitação que ajudem o laicato a descobrir sua identidade, vocação, espiritualidade e missão, com vistas à construção de uma sociedade justa e fraterna.

Diversas formas de expressão laical

A partir de carismas no seio do Povo de Deus nasceram, como frutos do Concílio Vaticano II, novos movimentos, novas comunidades e associações de leigos, serviços e pastorais. São dons do Espírito para Igreja e o mundo.

“um idêntico espírito de colaboração e corresponsabilidade (...) se difundiu também entre os leigos, não apenas confirmando as organizações de apostolado já existentes, mas criando outras novas, que não raro se apresentam com um aspecto diferente e uma dinâmica especial” (RH, n. 5).

“É absolutamente necessário que se robusteça a forma associada e organizada do apostolado no campo da atividade dos leigos. É que só a estreita união das forças é capaz de conseguir plenamente os fins do apostolado de hoje e de defender com eficácia os seus bens” (AA, n. 18).

“É necessário reconhecer-se a liberdade associativa dos fiéis leigos na Igreja. Essa liberdade constitui um verdadeiro e próprio direito que não deriva de uma espécie de “concessão” da autoridade, mas, que promana do Batismo” (CfL, n. 29).

A Igreja conta hoje com uma gama variada de associações de fiéis que agregam leigos, leigos e clérigos, e leigos e leigas consagrados, cada qual com seu carisma e com seus modos próprios de organização e seus métodos de ação. Destacamos a presença muito viva das associações laicais nascidas a partir dos carismas das ordens e congregações religiosas

Na esteira dos novos movimentos, foram fundadas outras formas organizativas denominadas de novas comunidades. Muitas delas configuram um espaço misto de vida leiga, religiosa e clerical.

Possuem o seu processo formativo sistemático em função dos seus carismas e objetivos. No entanto, convém que participem também da formação desenvolvida na Igreja diocesana. A autonomia de cada movimento só tem sentido dentro da maior comunhão eclesial

A CNBB, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato e junto com o CNLB, tem realizado encontros nacionais e regionais com dirigentes de movimentos e serviços eclesiais, e com associações laicais e novas comunidades .

“Quanto maior for a comunhão, tanto mais eficaz

o testemunho de fé da comunidade” (CNBB, Doc. 102, n. 61).

FORMAÇÃO dos Leigos e Leigas

A comunidade eclesial é responsável pela formação. Aqueles que ocupam funções de direção ou exercem especial responsabilidade no Povo de Deus – bispos, presbíteros, diáconos, consagrados e lideranças leigas de um modo geral –, são os primeiros responsáveis pelo processo formativo.

Cada organização laical deve assumir a formação de seus membros como tarefa primordial,

Dever-se-á distinguir diferentes níveis de formação no âmbito da comunidade eclesial, de forma a oferecer aos distintos sujeitos o que for conveniente e necessário à sua compreensão e vivência da fé em sua faixa etária biológica ou eclesial, começando com a iniciação à vida cristã e continuando com a formação bíblico-teológica e com as diversas formações específicas.

A Formação dos Sujeitos Eclesiais

Na Igreja, cada membro é chamado a ser um sujeito eclesial ativo que, segundo sua capacidade e de acordo com seus carismas e sua função, se coloca a serviço dos irmãos.

A comunidade eclesial, particularmente os bispos e os presbíteros, tem a missão de formar sujeitos eclesiais adultos missionários, conscientes e ativos, de forma que cada qual venha a contribuir com a educação dos demais, numa ação de aprendizagem mútua por todos os meios que sejam necessários.

A formação de sujeitos eclesiais, que implica em amadurecimento contínuo da consciência, da liberdade e da capacidade de exercer o discipulado e a missão no mundo, deve ser um compromisso e uma paixão das comunidades eclesiais.

O Documento de Aparecida dedica especial atenção à temática da formação, ressaltando:

- ✓ *os aspectos do processo formativo*: caminho longo que requer itinerários diversificados, respeite os processos individuais e comunitários e que sejam graduais (DAp, n. 281);
- ✓ *o acompanhamento do discípulo*: na perspectiva do diálogo e da transformação social e atendendo a questões específicas (DAp, n. 283);
- ✓ *a espiritualidade*: que transforme a vida de cada discípulo em resposta aos impulsos do Espírito (DAp, n. 284).

Fundamentos da Formação

Os cristãos leigos e leigas são eles chamados a ser ramos da videira, chamados a “crescer, amadurecer continuamente, dar cada vez mais fruto” (CfL, n. 57).

A formação tem também um profundo sentido espiritual. Cada seguidor de Jesus está inserido em um processo de identificação contínua com seu mestre. Nessa caminhada busca por todos os meios as razões dessa identificação, assim como o discernimento dos caminhos mais coerentes para essa tarefa, que faz do sujeito eclesial um peregrino na busca do Reino, que é a comunhão plena com Deus.

A formação é uma exigência de nossa condição humana. Todos convivemos com limitações. Isto exige de todo Povo de Deus, e de cada um em particular, a busca permanente da compreensão e da vivência da nossa fé. Por essa razão, é necessário encontrar, em cada contexto, os meios mais adequados de compreensão e comunicação do Evangelho, recorrendo para tanto à teologia e às diversas ciências.

Princípios da Formação do Laicato

A formação deve contribuir para que os cristãos leigos e leigas vivam o seguimento de Jesus Cristo e deem uma resposta do que significa ser cristão hoje.

A formação é decisiva para a maturidade dos cristãos leigos e leigas. A formação bíblica, catequética, litúrgica, moral e espiritual é a base de todo o processo formativo.

Do ponto de vista metodológico é importante contemplar a relação entre teoria e prática, a pedagogia participativa em vista do exercício da liderança, numa perspectiva de inculturação.

Transversalmente, devem estar presentes temas como: a pessoa e a prática de Jesus Cristo, a missionariedade e a relação Igreja – Mundo – Reino; a Doutrina Social da Igreja; a dimensão comunitária; a opção pelos pobres; a educação para a justiça; a relação fé e política; a antropologia cristã, especialmente o relacionamento humano, a sexualidade e a afetividade humanas.

A Doutrina Social da Igreja é um precioso tesouro que oferece critérios e valores, respostas e rumos para as necessidades, as perguntas, e os questionamentos da ordem social, em vista do bem comum. Fundamentada nas Escrituras, nos Santos Padres, no testemunho de tantos santos e santas, no Concílio Vaticano II e, na América Latina, nas Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida e agora na *Evangelii Gaudium*. Ilumina a dimensão social da fé e a implantação do Reino na sociedade. Lamentavelmente esta Doutrina é ainda muito desconhecida nos diversos setores da Igreja. Pedimos que, tanto nos Seminários, nas Faculdades de teologia, como nos cursos de formação dos leigos se dê prioridade a esta temática e se ofereça oportunidade de estudo, aprofundamento e sua aplicação nas estruturas eclesiais e sociais. Assim, oferecemos uma preciosa e concreta

colaboração na formação de agentes para atuarem nos âmbitos sociais, políticos, econômicos e ecológicos, para transformação da sociedade.

A formação integral é fundamental para que os cristãos leigos e leigas cresçam na fé e no testemunho, sejam fermento do Evangelho na sociedade e, como pessoas novas (Ef 4,24), contribuam significativamente, neste momento de mudança de época, para o novo que está surgindo.

Fundamentada na Palavra de Deus e nos documentos do Magistério da Igreja, a formação do laicato católico terá as seguintes características:

- Mistagógica**, relacionada com a catequese, a liturgia e a vida
- Integral**, para responder aos aspectos da fé, da razão, da emoção e da espiritualidade;
- Missionária e inculturada**, a fim de que os cristãos leigos possam ir ao encontro dos demais em suas realidades;
- Articuladora**, de modo a superar as dicotomias entre fé e vida, Igreja e mundo, clero e leigo;
- Prática**, de forma tal que o cristão leigo e a cristã leiga se insiram na realidade da sociedade, a seu modo e com sua disponibilidade
- Dialogante**, contribuindo com a relação sempre mais madura e respeitosa entre os sujeitos eclesiais
- Específica**, de modo que atenda às necessidades dos sujeitos eclesiais envolvidos
- Permanente e atualizada**, capaz de responder aos desafios advindos da realidade global e local, levando sempre em conta a Doutrina Social da Igreja;
- Planejada**, pedagogicamente organizada

Projeto Diocesano de Formação

O Documento de Aparecida ressalta que em cada diocese haja um projeto de formação do laicato. Um projeto que seja orgânico e envolva todas as forças vivas da Igreja particular, contando para tanto com uma equipe de formação convenientemente preparada(DAp, 281).

“A formação dos leigos e leigas precisa ser uma das prioridades da Igreja Particular” (Doc. 102, n. 92).

Para isto, o PROJETO DE FORMAÇÃO deve contemplar:

- ⇒ **objetivos, diretrizes, prioridades, atividades, lugares e meios, articulando-os com o plano de pastoral;**
- ⇒ **formação básica de todos os membros da comunidade;**
- ⇒ **formação específica, conforme os vários campos de missão, especialmente de quem atua na sociedade e dos formadores;**
- ⇒ **aprimoramento bíblico-teológico;**
- ⇒ **presença de cristãos leigos e leigas, na coordenação, e execução do projeto;**
- ⇒ **diálogo com as diferentes formas organizativas dos cristãos leigos e leigas presentes nas dioceses sobre o seu processo formativo.**
- ⇒ **união entre fé, vida e liturgia para a autenticidade da vida comunitária e testemunho evangélico na transformação da sociedade.**

Ação transformadora dos cristãos leigos e leigas no mundo

O significado da relação entre a Igreja e o mundo vem de uma grandeza maior que é o Reino de Deus, do qual a Igreja é germe e início, sinal e instrumento (LG, n. 5).

O Reino de Deus é dom e missão. Como dom deve ser acolhido e como missão deve ser buscado, testemunhado e anunciado.

A Igreja é chamada a ser sinal e promotora do Reino de Deus. Dessa convicção ela se nutre e nessa direção se organiza em suas estruturas, funções e serviços.

Como membros da Igreja e verdadeiros sujeitos eclesiais, os cristãos leigos e leigas, a partir de sua conversão pessoal, tornam-se agentes transformadores da realidade.

Modos de ação transformadora

- ❖ O **testemunho**, como presença que anuncia Jesus Cristo;
- ❖ A **ética e a competência**, no exercício de sua atividade profissional;
- ❖ O **anúncio querigmático**, nos diversos encontros pessoais;
- ❖ Os **serviços, pastorais, ministérios** e outras expressões organizadas pela própria Igreja
- ❖ A **inserção na vida social**, através das pastorais sociais;
- ❖ Os **meios de organização e atuação na vida cultural e política**.

É necessário que o cristão saiba discernir as condições em que se encontra e a busca dos meios mais coerentes e eficazes de agir.

Conhecer bem onde agir, quando e como agir, com a sabedoria do discípulo de Jesus Cristo, caminho, verdade e vida (Jo 14,6), é compromisso de cada um dos que se dispõem a seguir o Mestre.

O mundo será sempre um desafio para a ação do cristão, como sujeito eclesial, em vista de sua transformação e um desafio à própria Igreja, para que busque os meios mais coerentes de servir a todos, de modo particular os pobres.

“Ao descobrir e viver a própria vocação e missão, os fiéis leigos devem ser formados para aquela unidade, de que está assinalada a sua própria situação de membros da Igreja e de cidadãos da sociedade humana” (CfL, n. 59)

“A construção da cidadania, no sentido mais amplo, e a construção de eclesialidade nos leigos é um só e único movimento” (DAp, n. 215).

A força do Reino coloca todo sujeito eclesial em postura ativa; em atitude de prontidão para o serviço, buscando as formas concretas em que o amor afaste o ódio, o diálogo vença os antagonismos, a solidariedade supere os isolamentos, a justiça suplante as injustiças, para que se estabeleça no mundo a civilização do amor e da paz.

Critérios Gerais da ação transformadora

O Papa Francisco sugere alguns critérios gerais para a ação transformadora dos cristãos leigos no mundo:

- A ação evangelizadora inclui sempre a Igreja, a sociedade e cada sujeito individual.

- A ação requer discernimento das realidades concretas
- A ação é preferível à estabilidade e à estagnação.
- A ação de dialogar deve promover a cultura do encontro e a inclusão do outro na vivência da fraternidade (EG, n. 238).
- A ação deve considerar a “primazia do humano”(EG, n. 55).

“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, n. 49).

A ação evangelizadora inclui a ***opção preferencial pelos pobres***, a solidariedade, a defesa da vida humana, especialmente onde ela é negada ou agredida. Defende a dignidade da pessoa humana, o cuidado com a criação, a inclusão social, a justiça e a paz, a liberdade religiosa, o direito de objeção de consciência.

“Jesus quer que toquemos a miséria humana, a carne sofredora dos outros” (EG, n. 269).

A ação dos leigos e leigas nos areópagos modernos

Os cristãos leigos são os primeiros membros da Igreja a se sentirem interpelados na missão junto a essas grandes áreas culturais ou “mundos” ou fenômenos sociais ou, mesmo, sinais dos tempos.

“O sacramento da Eucaristia tem um caráter social. A união com Cristo é ao mesmo tempo união com todos os outros a quem ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim. É necessário explicitar a relação entre o mistério eucarístico e o compromisso social abrindo-nos ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça, à vontade de

transformar também as estruturas injustas. A Igreja não deve ficar à margem da luta pela justiça” (SCa, n. 89).

“Dirijo, pois, um apelo a todos os fiéis para que se tornem realmente obreiros da paz e da justiça, num mundo marcado por violências, guerras, terrorismo, corrupção econômica e exploração sexual. É preciso denunciar as circunstâncias que estão em contraste com a dignidade do homem. A Igreja deve inserir-se na luta pela justiça pela via da argumentação racional e deve despertar as forças espirituais sem as quais a justiça não poderá afirmar-se, nem prosperar” (SCa, n. 89).

A partir da Eucaristia, nasce a coragem profética:

“Não podemos ficar inativos perante certos processos de globalização que fazem crescer desmesuradamente a distância entre ricos e pobres em âmbito mundial. Devemos denunciar quem dilapida as riquezas da terra. É impossível calar diante dos grandes campos de deslocados ou refugiados, amontoados em condições precárias. O Senhor Jesus nos incita a tornarmo-nos atentos às situações de indigência em que vive grande parte da humanidade. Pode se afirmar que bastaria menos da metade das somas globalmente destinadas a armamentos, para tirar de modo estável, da indigência o exército ilimitado dos pobres. Isso interpela a nossa consciência” (SCa, n. 90).

A FAMÍLIA: areópago primordial

A família, comunidade de vida e amor, escola de valores e Igreja doméstica, é grande benfeitora da humanidade. É missão da família abrir-se à transmissão da vida, à educação dos filhos, ao acolhimento dos idosos, aos compromissos sociais.

“O desejo de família permanece vivo nas jovens gerações. Como resposta a este anseio, o anúncio cristão que diz respeito à família é deveras uma boa notícia” (AL, n. 1).

Reafirmamos e defendemos a dignidade, a inviolabilidade e os direitos do embrião humano de se desenvolver e nascer. A vida começa na fecundação e por isso o embrião é um ser humano, uma vida pessoal em desenvolvimento, um filho ou filha.

O aborto é uma violação do direito à vida, uma crueldade e grave injustiça contra os inocentes e indefesos. As crianças com microcefalia são dignas e merecedoras de todos os cuidados, ternura e carinho.

Recomendamos aos pais e a outros cuidadores que transmitam a fé a seus filhos, que não se omitam em relação à educação religiosa.

O Mundo da POLÍTICA

“Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efetivamente sanear as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade porque busca o bem comum. Temos de nos convencer que a caridade é o princípio não só das microrrelações (...), mas também das macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos. Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo e a vida dos pobres” (EG, n. 205).

Permanece ainda o perigo de relegarmos a religião para a intimidade secreta da pessoa.

“Gera-se assim uma espécie de alienação que nos afeta a todos” (EG, n. 196).

“É preciso prestar atenção à dimensão global e não perder de vista a realidade local que nos faz caminhar com pés no chão. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes dois extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num universalismo abstrato e globalizante, admirando os fogos de artifícios do mundo, que é dos outros, com a boca aberta e aplausos programados. O outro extremo é que transformem a Igreja num museu folclórico de eremitas localistas, condenados a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha fora das suas fronteiras” (EG, n. 234).

“Os fiéis leigos não podem absolutamente abdicar da participação na política destinada a promover o bem comum” (CfL, n. 42).

“A militância política é missão específica dos fiéis leigos que não se devem furtar às suas obrigações nesse campo” (CNBB, Eleições 2006, p. 27).

“Os católicos versados em política e devidamente firmes na fé e na doutrina cristã, não recusem cargos públicos, se puderem por uma digna administração prover o bem comum e ao mesmo tempo abrir caminho para o Evangelho” (AA, n. 14).

“O leigo cristão é chamado a assumir diretamente a sua responsabilidade política e social. Não é missão própria da Igreja tomar nas suas mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível, todavia ela não pode ficar à margem da luta pela justiça. Dirijo pois um apelo a todos os fiéis para que se tornem realmente obreiros da paz e da justiça” (SCa, n. 89).

Três elementos são fundamentais:

Formação – espiritualidade – acompanhamento

Para isto, é urgente que as dioceses busquem:

- ❑ **estimular a participação dos cristãos leigos e leigas na política**
- ❑ impulsionar os cristãos a construírem mecanismos de participação popular (Doc. 91, nn. 46ss);
- ❑ **incentivar e preparar os cristãos leigos e leigas a participarem de partidos políticos** e serem candidatos para o executivo e o legislativo,
- ❑ mostrar aos membros das nossas comunidades e à população em geral, que **há várias maneiras de tomar parte na política**: nos Conselhos Paritários de Políticas Públicas, nos movimentos sociais, conselhos de escola, coleta de assinaturas.....
- ❑ **incentivar e animar** a constituição de Cursos e/ou Escolas de Fé e Política ou Fé e Cidadania, ou com outras denominações, nas Dioceses e Regionais.
- ❑ **acompanhar os cristãos que estão com mandatos políticos** (executivo e legislativo), no judiciário e no ministério público e os que participam de Conselhos Paritários de Políticas Públicas, a fim de que vivam também aí a missão profética, promovendo reuniões, encontros, momentos de oração e reflexão e retiros

Manifestamos nosso reconhecimento a várias iniciativas, como: Curso do Centro Nacional de Fé e Política “Dom Helder Câmara” (CEFEP); da Comissão Nacional de Fé e Política do CNLB; Cursos e Encontros promovidos por Regionais da CNBB, Dioceses, Movimentos Eclesiais, Pastorais de Fé e Política, Pastorais Sociais e da Juventude, pelas CEBs e pelo Movimento Nacional Fé e Política;

O Mundo das POLÍTICAS PÚBLICAS

As Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019, ao insistir na participação social e política dos cristãos leigos e leigas, sugere que

“colaborem e ajam em parceria com outras instituições privadas ou públicas, com os movimentos populares e entidades da sociedade civil, em favor da implantação e da execução de políticas públicas voltadas para a defesa e a promoção da vida e do bem comum” (CNBB, Doc. 102)

Nos Conselhos de Direitos há um grande espaço para os cristãos leigos e leigas se empenharem por políticas públicas em favor da saúde e da educação, do emprego e da segurança, da mobilidade urbana e do lazer, entre outras urgências.

São espaços para defender políticas públicas em favor das famílias, das crianças, dos jovens, das mulheres e dos idosos. São também o lugar para lutar corajosamente contra a corrupção e o narcotráfico, dois grandes males que afetam a vida de nosso povo.

“Incentive-se, para tanto, a participação, ativa e consciente, nos Conselhos de Direitos e o empenho generoso na busca de políticas públicas que ofereçam as condições necessárias ao bem-estar de pessoas, famílias e povos” (CNBB, Doc. 102, n. 124).

Esses Conselhos de Direitos, previstos pela lei para os níveis municipal, estadual e federal, são um lugar privilegiado de participação dos cristãos leigos e leigas na vida política. Sem a presença dos leigos e leigas nestes conselhos perdemos, por omissão, a chance de defender os direitos dos cidadãos, facilitamos a manipulação e a corrupção no âmbito da política e perdemos uma oportunidade ímpar do exercício da cidadania, do profetismo e da promoção do bem comum.

O Mundo do TRABALHO

No mundo do trabalho, a pessoa e o trabalho são elementos-chaves no ensino social da Igreja. O trabalho é um direito fundamental da pessoa humana.

Diante dessa realidade, as Igrejas Particulares se esforçam para:

- criar e/ou fortalecer** as pastorais do Mundo do Trabalho urbano e rural (PO e CPT), e outros movimentos;
- criar e motivar** grupos de partilha e de reflexão para os diferentes profissionais e empresários,
- animar e manifestar** nossa solidariedade aos trabalhadores e trabalhadoras na conquista e preservação de seus direitos;
- incentivar os cristãos** a participarem dos sindicatos e outras organizações e a se articularem em vista de avanços nas políticas públicas em prol do bem comum;
- acolher os trabalhadores** e trabalhadoras em nossas comunidades eclesiais;
- apoiar e participar** de iniciativas de combate ao trabalho escravo e/ou infantil no campo e na cidade.

O Mundo da CULTURA e da EDUCAÇÃO

No mundo da cultura, as dioceses e paróquias se esforcem para:

- ❑ **criar círculos de partilha** e de reflexão entre os diversos campos do saber e da ciência
- ❑ **implantar a Pastoral da Cultura** onde ela não existe e divulgar a importância do “Átrio dos Gentios”, que é um espaço de encontro entre crentes e não crentes em torno do tema de Deus (Bento XVI);
- ❑ **animar os comunicadores** e os formadores de opinião a manifestarem os valores do Reino através dos meios de comunicação;
- ❑ **incentivar e apoiar** os cristãos leigos e leigas para que, nos diferentes campos das artes e da cultura popular, apontem para o sentido da vida e da sua transcendência, contribuindo para a obra evangelizadora.

O compromisso evangelizador de tantos fiéis leigos no mundo da educação contribui para a promoção do desenvolvimento integral da pessoa.

É urgente que a Pastoral da Educação e a Pastoral Universitária se tornem viva expressão em cada Igreja particular.

O Mundo das COMUNICAÇÕES

O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (CNBB, Doc. 99) é uma fonte inspiradora e orientadora para a ação dos cristãos no vasto e complexo mundo das comunicações. Somos todos interpelados a conhecer e estudar os meios e processos de comunicação através de cursos, encontros, leituras.

É necessário desenvolver a comunicação interpessoal e evangelizar com a ajuda dos maravilhosos meios de comunicação, para o Evangelho chegar até aos confins da terra e sobre os telhados.

É indispensável o empenho de todos para defender o direito à informação, a liberdade de imprensa segundo os critérios éticos, como também garantir o acesso às tecnologias da comunicação e implantar a Pastoral da Comunicação.

O comunicador cristão tem como primeiro objetivo anunciar Jesus Cristo e seu Reino, colaborar com o bem comum, com a comunidade em suas necessidades e com a superação dos problemas sociais, éticos e religiosos. Para tanto, exige-se competência técnica, zelo pela arte, coerência ética, vida espiritual e vivência eclesial. É necessário o intercâmbio com os profissionais das mídias e da comunicação para o aprimoramento técnico, ético, político e social de ambas as partes.

A Pastoral da Comunicação necessita do apoio financeiro de todos os setores diocesanos e paroquiais.

Todos nós na Igreja precisamos ser conscientizados a respeito da necessidade, prioridade e urgência da comunicação em todos os seus níveis. Aquilo que não é comunicado, não é conhecido. As boas obras sejam comunicadas para a glória do Pai, o bem da sociedade, a divulgação do Evangelho e para o bom exemplo, incentivo e alegria de todos.

O cuidado com a nossa CASA COMUM

“Pela nossa realidade corpórea, Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação” (EG, n. 215).

Atendendo ao grito da terra e à crise civilizatória que ameaça seriamente a integridade da vida do planeta, torna-se necessária uma ação inspirada na ecologia integral da *Laudato Si*.

Os cristãos leigos e leigas assumirão com coragem a busca de uma comunhão com a criação, a defesa da água, do clima, das florestas e dos mares, como bens públicos a serviço de todas as criaturas.

Com animada espiritualidade, educação e consciência responsável, contribuirão para gerar uma civilização centrada na simplicidade, no cuidado da vida e na interdependência de todas as criaturas.

Outros campos de ação ou Areópagos Modernos

Existem muitos outros areópagos do mundo moderno, nos quais os cristãos leigos agem, como sujeitos eclesiais, por força de sua própria cidadania batismal, de sua identidade e dignidade:

- as grandes cidades;
- as migrações; os refugiados políticos ou de guerra ou de catástrofes naturais;
- a pobreza;
- o empenho pela paz;
- o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo o das minorias;
- a promoção da mulher e da criança;
- a força da juventude;;
- as escolas, as universidades;
- a pesquisa científica;
- as relações internacionais;
- o turismo,
- os militares e outros.

são outros tantos mundos a serem iluminados e transformados pela ação evangélica dos cristãos leigos e leigas numa “Igreja em saída”.

INDICATIVOS DE AÇÕES PASTORAIS

- a)** Conscientizar os cristãos leigos e leigas quanto à sua identidade, vocação, espiritualidade e missão, incentivando-os a assumir seu compromisso batismal no dia a dia, como testemunhas do Evangelho nas realidades do mundo.
- b)** Convocar os cristãos leigos e leigas a participar consciente dos processos de planejamento, decisão e execução da vida eclesial e da ação pastoral por meio das assembleias paroquiais, diocesanas, regionais e nacionais, e dos conselhos pastorais, econômico-administrativos, missionários e outros.
- c)** Efetivar o processo de participação, dos vários sujeitos eclesiais, contribuindo para a consciência e o testemunho de comunhão como Igreja, tornando regulares as Assembleias Nacionais dos Organismos do Povo de Deus

“O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Papa Francisco, 17/10/2015).

- d)** Reconhecer a dignidade da mulher e a sua indispensável contribuição na Igreja e na sociedade (CfL, n. 49), ampliando sua presença, especialmente, na formação e nos espaços decisórios (EG, n. 103).

“Quanto, pois, à participação na missão apostólica da Igreja, não há dúvida de que, por força do Batismo e da Crisma, a mulher - como o homem - torna-se participante no tríplice múnus de Jesus Cristo Sacerdote, Profeta e Rei” (CfL n. 51).

- e)** Incentivar e acompanhar a presença e a ação dos cristãos leigos e leigas na participação social e política: semanas sociais, grito dos excluídos, conselhos paritários de direitos e de políticas públicas, sindicatos, processos políticos e outros.

- f)** Aprofundar a questão dos ministérios leigos, estimulando a criação de novos. É importante lembrar que os ministérios e serviços não podem desconectar o cristão leigo da realidade e dos desafios da sociedade nem clericalizá-los.
- g)** Apoiar as ações realizadas em relação às famílias pelas comunidades, pela pastoral familiar, pelos movimentos familiares, para que elas possam formar seus membros, educando-os na fé e na participação cidadã e para que sejam defensores da vida e da sua qualidade e dos seus valores.
- h)** Criar e fortalecer as pastorais sociais, em espírito missionário, para responder às necessidades de cada realidade de exclusão e sofrimento.
- i)** Fortalecer a consciência de pertença à comunidade eclesial, de gratidão a Deus e de corresponsabilidade, para acontecerem a comunhão e a partilha necessárias à sustentação das atividades pastorais e sociais .
- j)** Buscar meios efetivos para garantir o protagonismo juvenil na Igreja e na sociedade, numa linha de continuidade com os esforços demonstrado na preparação e realização da Campanha da Fraternidade, do Dia Nacional da Juventude – DNJ, das Jornadas Diocesanas da Juventude, e da Jornada Mundial da Juventude – JMJ, atingindo o maior número possível de jovens no ambiente em que vivem.
- k)** Cuidar para que as pessoas idosas sejam atendidas pastoralmente e tenham espaço e condições de participar da vida da comunidade eclesial.
- D)** Incentivar os cristãos, particularmente os leigos e leigas, a que, inseridos numa sociedade pluralista do ponto de vista cultural e religioso, vivenciem e construam caminhos de diálogo ecumênico e inter-religioso, de cooperação com o diferente e com as diversas culturas.

COMPROMISSOS

1

**Criar e/ou fortalecer os Conselhos Regionais e Diocesanos de Leigos;
Fortalecer e ampliar o diálogo e trabalho junto às diferentes formas de expressão do laicato.**

2

Apoiar e acompanhar os encontros do laicato, organizados pelo CNLB, com a participação das diversas expressões do laicato.

3

Celebrar o Dia Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas na solenidade de Cristo Rei, a cada ano.

4

Estimular que no decorrer do mês de novembro de cada ano, haja uma programação com momentos de reflexão, de espiritualidade e de gestos concretos envolvendo as comunidades, paróquias e todas as formas organizativas do laicato.

5

Envolver regionais, dioceses, paróquias, organismos, pastorais e as diversas expressões laicais na reflexão e aplicação deste documento.

6

Celebrar o dia 1º de maio – São José Operário – e outras datas significativas para as diversas profissões, como valorização do trabalho e denunciando tudo o que contradiz a dignidade da pessoa.

7

Realizar o Ano do Laicato, iniciando na solenidade de Cristo Rei de 2017 e com término na solenidade de Cristo Rei de 2018. Comemoraremos assim os 30 anos do Sínodo Ordinário sobre os Leigos (1987) e 30 anos da publicação da Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, de São João Paulo II, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo (1988). O Ano do Laicato terá como eixo central a presença e a atuação dos cristãos leigos e leigas como “ramos, sal, luz e fermento” na Igreja e na sociedade.

8

Recuperar e divulgar o testemunho de cristãos leigos e leigas mártires e daqueles que viveram o seu compromisso batismal no cotidiano da vida e se tornaram ou são referências.